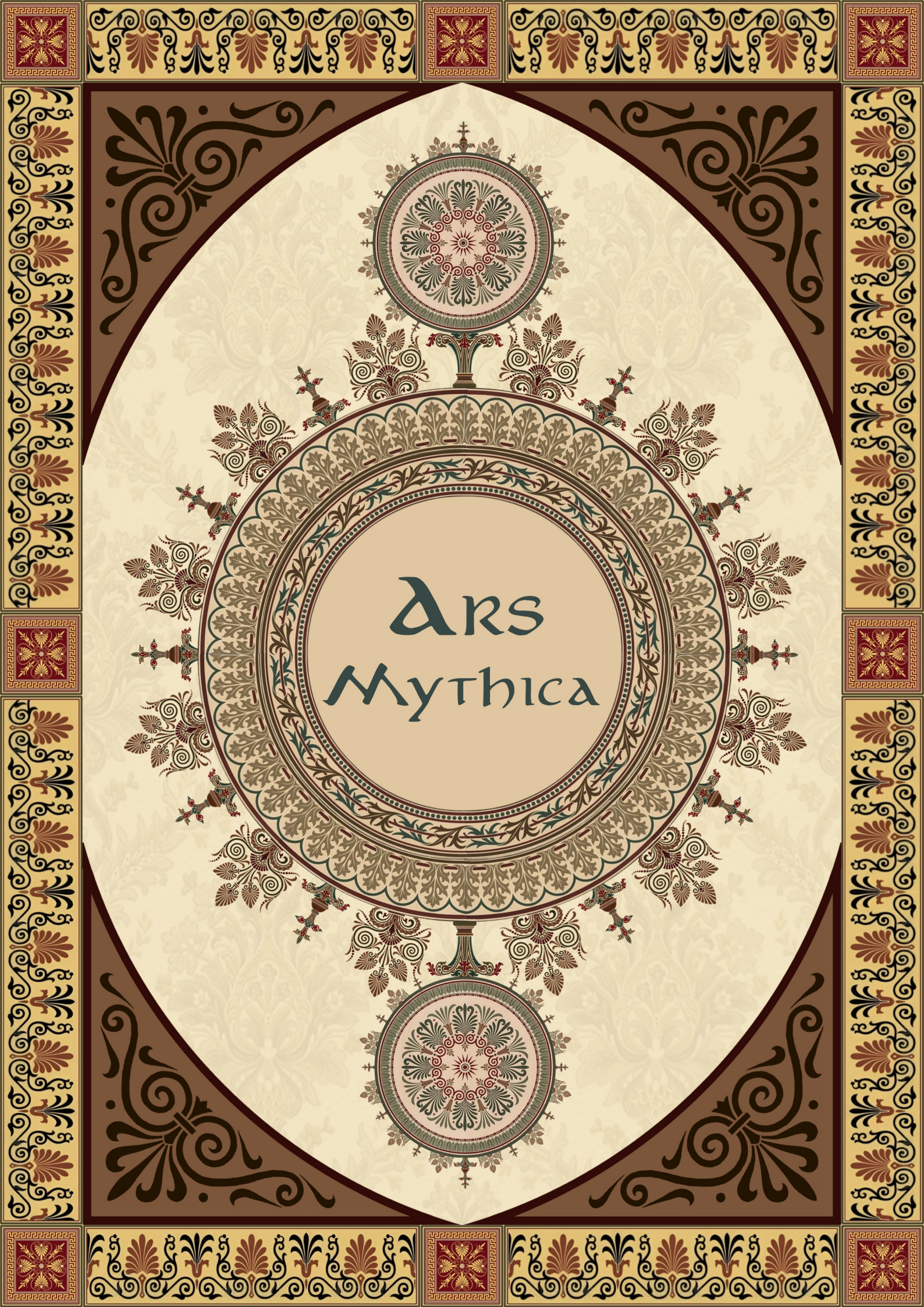




PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquímia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhamos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"The Danaïdes" (1904) - John William Waterhouse

Capítulo IX

A ÁRVORE DOS MUNDOS

As Duas Árvores

1. Muitos enxergam o Axis Mundi como o tronco de uma árvore cósmica, com raízes que penetram fundo na escuridão dos reinos inferiores e galhos que se esticam às alturas luminosas dos reinos superiores, verdadeiramente abrigando e

entrelaçando todos os mundos da Criação.

2. Chamam-na, por esse motivo, Árvore dos Mundos ou simplesmente Árvore-Mundo, a Grande Morada.

3. A cosmografia mítica assume a forma da experiência mística, que por sua vez assume a



Two Trees of Valinor - Anna Kulisz

própria forma da mente e do cosmos.

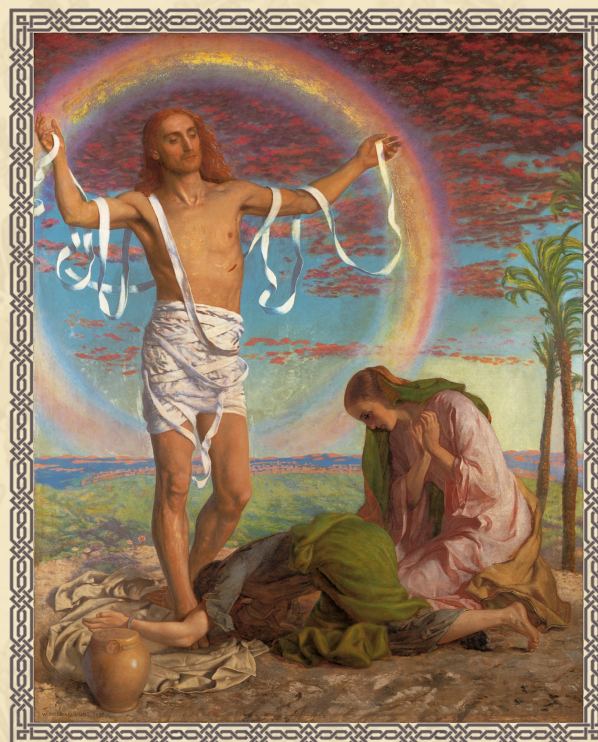
4. A partir dela, interpretamos a realidade e nela orientamos nossos passos. A partir dela, expressamo-nos e criamos, e em cada criação recorre a marca indelével da forma do cosmos, como uma assinatura explícita, embora apenas reconhecível para aquele que estuda a língua do Verbo.

5. Não é possível verdadeiramente dividir o Todo em sua essência não-dual, mas podemos impor-lhe fronteiras virtuais de acordo com a forma que olhamos, desde que se pague o preço de enxergar novamente em cada parte a forma do mesmo Todo que ousamos dividir em primeiro lugar, qualquer que seja o número.

6. Um espelho feito inteiro reflete o Sol, tanto quanto cada fragmento de um espelho partido. Há muitas imagens do Sol, mas, para além de qualquer espelho, inteiro ou partido, brilha o mesmo e indiviso Sol.

7. Outro dos nomes da Árvore-Mundo é Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, uma vez que é através dela que o Habitante experimenta a dualidade e aprende sobre ela.

8. Essa Árvore, todavia, não é a única no centro do jardim, pois acompanha-lhe uma outra de idêntico formato, ainda que de natureza oposta, chamada Árvore da Vida.



Christ and the two Marys (1847) - William Holman Hunt

Mundo-história porque comeu do fruto da Árvore do Conhecimento e, uma vez caído, precisa comer do fruto da Árvore da Vida para tomar a levantar-se.

10. Se o primeiro fruto traz o autoesquecimento que permite o conhecimento da dualidade, o segundo traz lembrança da Verdade, o conhecimento da não-dualidade que é a própria Gnose. O primeiro confere o dom da mortalidade, o segundo confere o dom da imortalidade.

11. Há quem diga, é claro, que não há surpresa ou coincidência na tamanha semelhança exibida pelas Duas Árvores, precisamente porque são duas facetas da mesma árvore, e portanto não são duas, mas uma. À essa árvore não-dual, não há nenhum outro nome possível que não simplesmente Árvore.

12. A Árvore da Vida é o aspecto numênico da realidade, composto de arquétipos puros habitando em unidade o reino da Plenitude. Ela abriga dentro de si todos os arquétipos e serve-lhes de habitação, ao mesmo tempo em que é, ela própria, Arquétipo.

13. Como que diante de um espelho, a Árvore do Conhecimento é o seu reflexo através do horizonte, a morada do fenomênico, dualístico, que compõe o reino da Carência, onde, em contraste ao arquétipo sempre uno, há sempre duas versões de tudo: uma boa e celestial, e outra maligna e infernal.

14. O Habitante, olhando a Árvore como uma, vê a Árvore da Vida, mas ao olhá-la como duas, vê a



"Yggdrasill, the Mundane Tree" (1847) - Oluf Olufsen Bagge

A ÁRVORE-MUNDO

21. Sob o Onfalo, a Caverna. Acima dele, a Montanha. Atravessando-os todos pelo centro, transversalmente, o Eixo do Mundo, da Fonte no

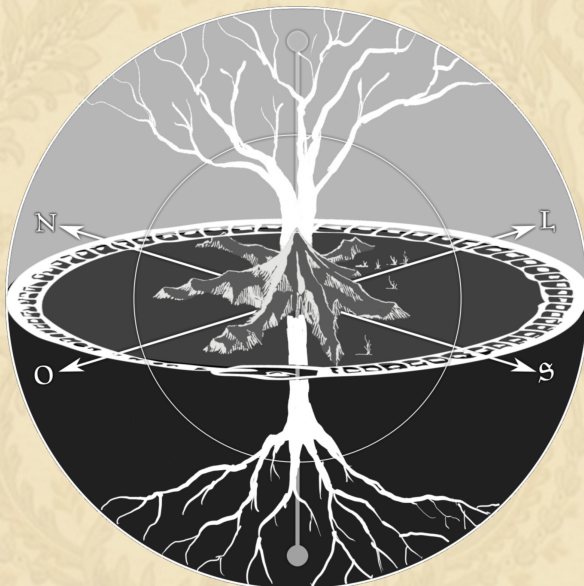


Figura 9.1 - A Esfera de Realidade

26. Aquém do limite, a dualidade do dizível. Além dele, o mistério do indizível.

O ALICERCE FENOMENOLÓGICO

30. Contudo, ainda que possamos duvidar do conteúdo da experiência, de qualquer das quatro direções, somos incapazes de duvidar da experiência em si, e assim não há nenhum outro ponto de partida para definir a realidade que não a experiência.

31. Pode parecer que a experiência é mero epifenômeno emergente da relação entre experienciador e experienciado, mas, exatamente ao contrário, aquele que experiencia e aquilo que é experienciado são ambos abstraídos a posteriori da experiência, pela mente.

O Mapa Mítico da Realidade

32. É com o traçar do grande círculo que totaliza a experiência que começa o mapa mítico da realidade, o círculo do abismo que separa a realidade interior, fenomênica, domínio do Tempo, da realidade exterior, numênica, morada do não-tempo.

33. Em justiça diz-se que esse círculo é o único mapa que encerra fidelidade, pois havendo unidade essencial na experiência, qualquer separação subsequente é artifício de análise.

34. Em vista indivisa, o próprio corpo não se diferencia do corpo outro, seja a imponente montanha ou o vale fértil, ou qualquer coisa no Céu ou na Terra. Tampouco diferenciam-se as quatro direções: tudo é experiência, diferentes padrões na água, mas ainda a mesma água.

35. Fatiamos o círculo, que na verdade é uma esfera, para melhor entendê-lo, e um bom primeiro corte é a linha horizontal que permite ver certas coisas como acima e certas coisas como abaixo. O Céu acima e a Terra abaixo, são ambos símbolos, são conceitos metafísicos e são também fenômenos da experiência ordinária.

36. Céu é espiritualidade e abstração, Terra é materialidade e concretude e, assim como é o fluxo espiral do torvelinho que sustenta sua forma, Céu e Terra são os dois polos do eixo causal que sustenta a forma do mundo: a coluna vertebral da própria realidade.

37. Há nesse eixo uma direção causal definida, pois é no Céu que nascem as forças que moldam a realidade, às quais muitos chamam de deuses, os legítimos representantes dos arquétipos eternos do Ser, no devir fenomênico.

38. Originando-se no Céu, a causalidade é recebida no seio da Terra para poder verdadeiramente acontecer.

39. Como a liberdade do pássaro em vôo, elevar-se ao Céu é crescer na capacidade de impor mudança ao mundo. Como a fixidez da semente enterrada, mergulhar na profundidade da Terra é crescer em



"The Angel with the Serpent" (1875) - Evelyn de Morgan

passividade e sujeição aos poderes do mundo, mas é também tornar-se um terreno fértil onde eles podem florescer.

40. Que cuide o incauto para não cair em juízos de valor, preferindo um ao outro, pois tanto quanto a Terra deseja ascender para receber o abraço do Céu, o celestial anseia por descer e manifestar-se no material.

O Chão

41. Sendo dois pólos da mesma experiência, separar Céu e Terra é uma escolha perceptiva, uma forma de olhar que traça um horizonte, uma linha que morde a si mesma e fecha um círculo, delimitando um chão na esfera-realidade para pisarmos os pés.

42. Por outro lado, pode-se igualmente dizer que o horizonte é a auto-ilusão perceptiva que permite ver Céu e Terra como entes separados, cuja consequência é passar a ver também um plano de realidade estável ao qual damos o nome de Chão.

43. Alguns dão a esse chão o nome de Materialidade, pois é o palco da experiência fenomênica ordinária, onde as coisas se definem plenamente e plenamente acontecem, acarretando sua manifestação física.

44. Outros, chamam de Realidade Objetiva, pois uma vez que algo atravessa esse limiar, sua existência limita-se ao mínimo sobre si que todos podem concordar.

45. A consciência nascida na carne está inicialmente confinada nesse plano, como que a um jardim de infância, onde a realidade é simples e de menor dimensionalidade em relação à totalidade

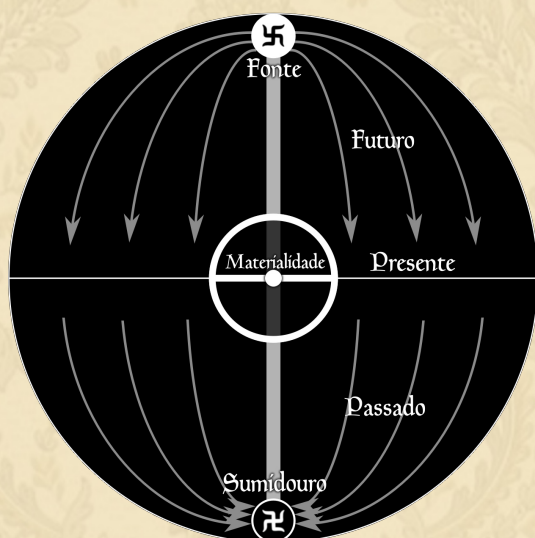


Figura 9.2 - O Chão Fenomenológico



"Andarilho Sobre a Névia do Mar" (1818) - Caspar David Friedrich

tridimensional da esfera.

46. Não é possível à consciência ordinária mover-se verticalmente: nem voar ao Céu e tampouco mergulhar na Terra, a menos que encontre o Eixo do Mundo no exato centro do Chão. Até lá, perambula em sua jornada pelas duas dimensões do plano e suas quatro direções.

47. Começa por viajar ao Leste e lá conhece o Reino Oriental do Ar, onde purifica os pensamentos e desperta a Sabedoria. Segue de lá rumo ao Sul e conhece o Reino Meridional do Fogo, onde purifica suas intenções e desperta seu Poder. Seu próximo destino fica a Oeste, o Reino Ocidental da Água, onde purifica suas emoções e desperta a Fé. Caminha, por fim, para o Norte, e conhece o Reino Boreal da Terra, purificando as sensações e aperfeiçoando a Concentração.

48. Retomando ao Leste, a consciência ordinária conclui sua peregrinação santa e, tendo conhecido plenamente os quatro cantos do mundo e os quatro tipos de fenômenos que compõem a experiência, completa o círculo que revela o Centro Sagrado onde se oculta o alvo de sua busca.

49. Estar em pé sobre o mundo e locomover-se nele é tanto o fato básico da experiência na materialidade quanto o simbolismo topográfico que indica a estrutura fundamental da consciência ordinária.

50. A esfera toda é fenômeno e sua natureza é, portanto, mental. Mesmo a matéria coalescida em Chão é um estado mental, embora mais estável, mas ainda sim um estado mental. A esfera inteira é a experiência e a experiência é fabricada pela mente.

51. Entre o sublime e o ctônico, estabelece-se o chão experiencial ao qual muitos, com razão, dão o nome de Reino.

A MATÉRIA

52. Da mesma forma que aportar em terra firme é encontrar porto seguro contra o caos das águas, a mente cria a materialidade para nela apoiar-se.

53. Pode parecer meramente que ela se sente segura porque há uma terra para apoiar os pés, mas também, exatamente o contrário, há uma terra para apoiar os pés justamente porque a mente deseja sentir-se segura.

54. Outro dos nomes do plano horizontal da materialidade é momento presente, pois é nele que as coisas se definem e revelam, emergindo do mar de suas muitas possibilidades como matéria objetiva.

55. Como não é possível falar do agora sem falar do aqui, não há nenhum outro lugar onde a materialidade pode ser experienciada que não o centro da esfera da realidade.

56. Verdadeiramente, não é possível falar de um mundo físico sem falar de um observador, um olho por trás dos olhos, pois a materialidade só pode emergir de uma perspectiva em primeira pessoa, ainda que o olho que observa seja, ele próprio, observação.

57. Não que, como afirma o solipsista, inexistia uma realidade independente de olhos, mas sim que

ela não é definida o suficiente para existir em termos físicos ou materiais.

58. Embora cada olho construa uma materialidade inteiramente para si, essa construção é feita, não em alienação aos outros olhos, mas em consenso com todos eles, num leilão de vontades.

59. É o consenso entre os olhos que concede ao mundo físico sua inércia e aparência de solidez e, precisamente por esse motivo, alguns chamam a materialidade de Realidade Consensual.

60. Assim, se para a carne a objetividade sincroniza as subjetividades, para o espírito é a sincronização das subjetividades que faz nascer a objetividade.

O Tempo

61. Entrar no Mundo-história é precipitar-se no abismo da separação de si, é estar em queda livre no Tempo, caindo por toda a duração do Tempo.

62. Os caídos caem sempre na velocidade da luz, pois é essa a velocidade do próprio Tempo. Tempo, Queda e Entropia são uma e a mesma coisa.

63. Como um vasto rio, o Tempo é a história narrada entre a Fonte e o Sumidouro, onde a cada instante a Dançarina dança um passo, revelando uma nova faceta da história Desconhecida em seu inexaurível mistério.

64. Como uma ilha, ou mesmo uma nau navegando nas tempestuosas Águas do Tempo, a materialidade é sempre o aqui e o agora no centro da Esfera, a região de realidade estável que serve de interface entre o futuro acima, chamado Céu, e o passado abaixo, chamado Terra, recebendo de ambos as influências.

65. A experiência das influências do futuro recebe o nome de Vontade, ao passo que a das influências do passado recebe o nome de Desejo.

Os LUMINARES

66. Se são os olhos do mundo que definem o indefinido em direção à materialidade, todos esses olhos são na verdade dois: o Olho Direito, ao qual damos o nome de Sol, e o Olho Esquerdo, que recebe o nome de Lua.

67. Os dois nasceram dos olhos do Gigante que originou o mundo de seu próprio corpo no Sacrifício Primordial e, no devido tempo, o Sol tornou-se o Senhor da Vontade e do Dia, e a Lua tornou-se a Senhora do Desejo e da Noite.



"Rivendell" - Ted Nasmith



"Apollo and Diana" (1757) - Giovanni Battista Tiepolo

68. Há histórias, no entanto, que os descrevem como dois vasos: um, de ouro puro, contendo as vontades reunidas e integradas de todos os seres do mundo, enquanto o outro, da mais perfeita prata, onde são coletados e misturados os seus desejos.

69. Há ainda outras histórias, muito menos conhecidas, sobre uma misteriosa arte de misturar os conteúdos desses vasos para deles extrair perfeições.

70. O Sol e a Lua são verdadeiramente os filhos do Céu e da Terra, as Luzes Gêmeas que iluminam e revelam o Mundo-História, e por isso chamamo-lhes Luminares.

71. As duas Luzes viajam continuamente do Céu para a Terra e da Terra para o Céu, empreendendo suas operações sobre ambos os domínios, embora o Sol sinta como lar a morada de seu pai e, a Lua, a morada de sua mãe.

72. O que o Sol é para o Céu, a Lua é para a Terra.

73. Muitos dizem que o Olho Direito é um olho aberto que enxerga para fora, enquanto o Olho Esquerdo é um olho fechado que enxerga para dentro, mas, para o Sábio, que os fez casar em alquímica cerimônia, ambos os olhos estão eternamente semicerrados.



74. Através do Olho Dourado, futuro coalesce dos Mundos Superiores sobre o Chão como a poeira que se agrega em camadas de tempo geológico, enterrando-o lentamente no passado, e o que era chão agora desce lentamente no Mundo Inferior, para sempre ocultado na profundidade do Tempo.

75. Através do Olho Prateado, as incontáveis camadas de chãos dos tempos idos culminam em um novo chão para a mente caminhar, a partir do qual o presente é capaz de continuar crescendo, soterrado a cada instante por um novo chão.

MEMÓRIA

76. Se é o consenso entre os olhos que permite a experiência da materialidade, esse consenso é condicionado pela a de consensos anteriores. A inércia da matéria é a inércia do consenso.

77. Para a carne, o passado é guardado como memória, mas para a natureza fundamentalmente mental da Esfera de Realidade, é a memória que é armazenada como passado, no próprio passado.

78. Se todo o Tempo existe dentro do eterno presente, a memória é a indelével presença do passado.

79. De fato, não há nenhum outro lugar onde uma



Desolation, detalhe (1836) - Thomas Cole

memória poderia existir: o evento que se define na materialidade é, na ocasião da própria manifestação, registrado no Tempo, e nele residirá para sempre, na forma de passado.

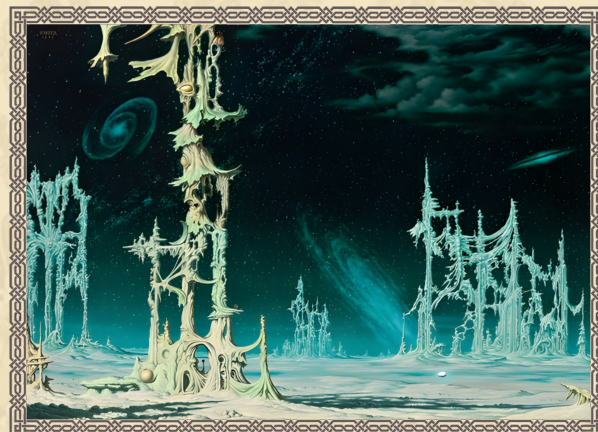
80. Eventos passados não são meramente aniquilados e substituídos pelo presente, mas simplesmente perdem definição e, enterrados, passam a existir escondidos dos olhos mortais, na escuridão do Mundo Inferior.

81. Assim como um corpo sepultado na terra vê seus elementos constituintes desassociarem-se e se dispersarem de volta aos seus reinos, lenta e gradualmente, o evento tomado memória desce e se aprofunda na Terra, tomando-se mais e mais indefinido.

82. Memórias recentes são como relatos, aos poucos aproximando-se umas das outras segundo sua semelhança e se agregando, destiladas em fantasia, e então em mito, até que as memórias da infância se tornam elas próprias contos de fadas, ainda que por vezes terríveis.

83. Todas as memórias, por fim, acabam coletadas pelos rios subterrâneos que lhes são afins e desembocam em verdadeiros oceanos de experiência coletiva, os reflexos na Terra dos arquétipos no Céu.

84. Os mortos na morte, da mesma forma, continuam a existir no passado enquanto descem lentamente, como as raízes da árvore, sustentando a agência no presente que lhes foi



Pralaya, detalhe (1959) - Johfra Bosschart

ceifada, a contragosto.

85. Em sua existência lúgubre, caminham sobre as ruínas dos mundos de outrora e sentem aproximar o momento em que serão reabsorvidos pela Terra, enquanto nutrem a esperança de que o agente que atualmente caminha sobre o chão é o Escolhido que os libertará.

Desejo

86. A alma pode manter-se ligada, e até agrilhoada, a certas memórias através do Desejo, seja o desejo positivo, chamado propriamente Desejo, de que uma memória agradável reaconteça no presente, ou o desejo negativo, chamado Aversão, de que uma memória desagradável jamais



Hylas and the Nymphs (1896) - John William Waterhouse

aconteça novamente.

87. O aprisionamento de parte da alma no deleite de uma boa memória é chamado Apego, ao passo que o aprisionamento na agonia de uma memória ruim é chamado Trauma.

88. Como um tentáculo que se agarra à presa, a partir do Desejo estende-se um fio emocional até a memória, tão espesso quanto a intensidade da emoção em que o evento foi experienciado.

89. Ironicamente, a mesma emoção que abre um canal para alma esticar-se no passado, impõe viés irreduzível para a sua interpretação.

90. Esses fios nascem das sementes de desejo e aversão que lhes servem também como âncoras na carne, concedendo acesso às memórias na outra extremidade. Não são as memórias em si que a carne carrega, mas as âncoras apenas.

91. Elas existem no cérebro e também por todo o corpo, conformando-se como uma casca que espelha a sua silhueta, constituindo a camada mais basal do corpo astral, a que está de fato colada à carne.

92. Efetivamente, no transplante não apenas o órgão, mas todas as memórias nele ancoradas, e mesmo traços inteiros de personalidade podem ser transferidos.

93. Por todas essas coisas, ao conjunto dessas âncoras-semente, muitos dão o nome de Corpo de Desejos.

LEMBRANÇA

94. Lembrar-se é encontrar a âncora específica que leva ao evento intencionado, muito como uma antena sintoniza-se em fino ajuste com a frequência que almeja capturar.

95. Esquecer-se é perder a âncora no meio de tantas outras, na incapacidade de diferenciá-las a contento, seja pela mistura entre memórias muito similares, seja pela debilidade da emoção que formou o fio.

96. Memórias, enfim, não podem ser apagadas, mas podem tornar-se suficientemente inacessíveis para serem consideradas perdidas.

97. O lembrar não é apenas esticar-se do presente ao passado para existir nele, como é também permitir que o passado se estique até o presente e novamente se defina, ainda que distorcido pelo viés emocional do fio.

98. A cada instância do lembrar, a memória é recriada e trazida ao presente, pois o maior desejo

do passado é ser lembrado e, lembrado, reacontecer no presente.

99. E assim não apenas o passado afeta o presente ao condicionar sua manifestação, como o próprio presente afeta o passado, redefinindo-o, para melhor ou pior, a cada lembrança.

100. A memória pode ter seu fio aumentado em espessura, e ver crescer ainda mais o peso de sua mão sobre o presente, quando a emoção e sua perspectiva são reificados enquanto a memória é lembrada. Pode também ser inteiramente ressignificada pela atenuação, alteração ou até a nulificação total de seu fio.

101. As histórias falam de muitos tipos de memórias inquietas, mortos que se vêem incapazes, ou mesmo se recusam, a descansar: zumbis e carnicais, fantasmas e até vampiros, em ampla variedade de conhecimento e poder.

102. Presos numa existência faminta sem poder viver ou morrer, muitos os chamam simplesmente de mortos-vivos. Sempre que o Herói reificar uma memória na ocasião de sua lembrança, a ímpia criatura receberá sua nutrição em sangue ou carne, através da qual pode prolongar sua existência. Ainda que se recolha, é certo que cedo ou tarde retornará, ávido por mais.

103. Entre eles, sem dúvida, o Herói precisa abrir caminho em sua descida, pois repetidamente provaram-se ativos notáveis e importantes nas legiões do Dragão Negro, unidos no comum objetivo de predar o presente.

KARMA

104. Ao ímpeto, comum a todas as coisas já acontecidas e ainda inquietas, de desejar reacontecer, damos o nome de Karma.



The Nightmare (1781) Henry Fuseli



Earthbound (1897) - Evelyn De Morgan

105. O peso do Karma é o peso do Tempo carregado pela alma, cujo sinônimo é Sofrimento.

106. A alma habita o presente tanto quanto cada uma de suas memórias e, enquanto esticar-se no Tempo na tentativa de agarrar o passado, mantendo nele partes de si mesma, jamais estará plenamente presente, no que quer que esteja acontecendo.

107. Sem enxergar a realidade como ela é, pois passará tudo pelo duplo filtro do apego e do trauma, seu julgamento dos fatos perderá em sabedoria, distorcido pelo desejo.

108. As quatro direções respondem não inteiramente ao que está acontecendo em fato presente, mas à sua mistura com quaisquer memórias ativas no momento, na medida de seu deleite ou agonia.

109. Os fios das memórias se unem em feixes, que se entrelaçam em uma vasta rede causal de eventos que penetra fundo no Submundo: as próprias raízes da Árvore, crescidas até o fundo da realidade.

110. As raízes coletam a umidade de todos esses eventos e os faz convergir para cima, formando o contexto no qual o presente pode se definir e

existir, condicionando-o a acontecer em necessária concordância com os momentos anteriores.

111. Essa necessária concordância, em sua faceta material, unida à inércia do consenso, forma aquilo que alguns chamam de Lei da Necessidade, e que muitos chamam de Leis Físicas.

112. A alma, em certo sentido, carrega consigo todos os eventos que condicionam sua existência presente. Habita, fragmentada, todas as suas memórias, vivendo-as inconscientemente todo o tempo.

113. Presente, passado e futuro coexistem no Agora, mas somente o presente existe materialmente.

114. A rede de memórias transcende a própria existência pessoal, envolvendo os pais e os pais dos pais, e verdadeiramente todo ancestral, não apenas humano, mas até a aurora da vida, e de lá até o nascimento do próprio Tempo.

A CARNE

115. O estado natural de toda memória, já que a alma está literalmente presente nela, é o estado de plena e vívida lembrança, e parte do papel da

Carne é justamente inibi-las todas.

116. Elas são gentilmente conduzidas ao sono na inconsciência ao longo da gestação e da infância, enquanto a alma se concentra do infinito de sua existência para o pequeno feto a crescer.

117. Tal obra da Carne só culmina na adolescência, pois o nascimento no mundo só termina realmente quando finda a infância. Eventuais resíduos de memórias transpessoais são então esquecidos, no pleno despertar da Bela e da Fera.

118. A Bela e a Fera são o duplo instinto assentado sobre a eminência da sobrevivência, uma vez que, é claro, a Carne possui sua própria prioridade, pois antes de poder fazer qualquer outra coisa, precisa estar materialmente viva.

119. Mesmo antes do nascimento, a Carne aprende a associar, aos poucos, certos gatilhos para desinibir ou reinibir as memórias, permitindo apenas a manifestação consciente das que julga pertinentes diante do contexto em que se percebe, ao mesmo tempo em que novas memórias são criadas.

120. Uma memória, uma vez acordada de seu sono, desinibirá memórias semelhantes, na medida de sua semelhança, pois vem de sua natureza úmida a tendência de acordarem juntas, e dormirem juntas.

121. Assim, é dádiva da Carne a muralha que impede o transbordar simultâneo de todas as memórias para a percepção, numa investida do próprio Dragão do Caos contra a consciência, nela forçando a mesma fragmentação que a alma experimenta na inconsciência.

122. Transformando tormenta em rio, a experiência encarnada concede a chance única de

trabalhar o karma das memórias gradualmente, atenuadas na estabilidade concedida pela materialidade. A consciência ordinária é, de fato, um chão firme para caminhar.

123. Carne, consciência ordinária e materialidade nascem uma da outra e não podem ser verdadeiramente separadas: são a mesma e única coisa.

O DILÚVIO

124. Ao transbordamento das águas do passado, desejosas de devorar o presente, damos o nome de Dilúvio. Inevitável como a morte, a consciência ordinária foge dele porque ele é a própria morte, teme-o porque é o Sopro do Dragão.

125. Medo é memória.

126. Por senilidade, doença ou fraqueza, a Carne cedo ou tarde falha em sua tarefa de manter firme a Muralha e reparar-lhe as inevitáveis fissuras, e as águas eventualmente emergem e se misturam, entre si e com o presente, e inundam o Reino.

127. Também, no adormecer de cada noite e a cada descida da lua, um pequeno transbordar e uma pequena morte.

128. Por fim, na ocasião da morte da Carne, como não há mais nada que possa inibir as memórias, elas passam diante dos olhos em avalanche, enquanto aquilo que fora concentrado no nascimento agora se espalha novamente, buscando retornar à sua morada no infinito, impedida apenas pelos seus fragmentos ainda aprisionados no passado.

129. A alma é fortemente puxada por suas correntes para onde quer estejam conectados no Mundo Inferior e é para lá arrastada, indefesa, em uma nova forma de existência enterrada sob o presente, de onde anseia por mais uma vez caminhar sobre o chão.

130. Especialmente, se as mais grossas de suas correntes vierem das matérias do Trauma, também será arrastada para eles, os Infernos que carrega dentro si.

131. Ainda que a morte seja a maior das oportunidades para aniquilar de uma só vez de grandes feixes de fios e deles libertar-se, há também a perigosa chance de reificá-los e afundar, projetando-os junto com toda a potência de seu último suspiro para uma nova existência, uma nova chance de redenção.

132. O Guia ensina o herói a purificar-se para bem atravessar a Noite Escura, treinando sua



"The Downfall of Numenor" (1867) - Darrell K. Sweet

mente para expor-se gradualmente ao caos das águas enquanto aprende a manter-se impassível diante de seu desconforto.

133. Aprende também a bem conduzir suas memórias e, observando-as no silêncio equânime de uma mente treinada, a avalanche torna-se procissão.

134. Por vezes, o Guia prescreve preparados místicos, ou longos treinos de disciplina mental, ou ainda elaborados ritos e todo tipo de prova de virtude, na medida das necessidades do herói e segundo a sua constituição, e por vezes prescreve todas essas coisas juntas, para dar-lhe uma chance contra o Dilúvio.

135. Diz-se que há três grandes águas a serem purificadas, as Águas do Caranguejo, as Águas do Escorpião e as Águas dos Peixes.

136. Do Caranguejo são as águas dos mares, os karmas mais ordinários e superficiais, prontamente acessíveis assim que recaí sobre o Reino o primeiro

silêncio da noite.

137. Do Escorpião são as águas abissais da Noite Escura, estagnadas em sua profundidade, além do alcance de qualquer raio de luz, onde habita trauma e tabu.

138. Por fim, dos Peixes são águas oceânicas e transpessoais, circunscrevendo não apenas o karma da presente existência, mas de toda a ancestralidade e, em verdade, de toda a humanidade.

139. O Dragão, como dizem as histórias, é uma espécie que não encontra limite para seu tamanho, podendo crescer, desde que consiga alimentar-se, indefinidamente.

140. Por todos esses motivos, o Guia orienta o herói a não procrastinar sua Jornada, pois não há tempo a perder: ele precisa descer até o Dragão e enfrentá-lo antes que cresça demais e saia ele próprio pelo Reino, em busca do herói para devorar.



As Murallas de Jericó (1965) - Johfra Bosschart